

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 115 1 DE MARÇO 1882	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	5120		<p>Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.</p>
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-5-	-5-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-		

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVARIO LOBATO — Salão de quadros, MONTEIRO RAMALHO — As nossas gravuras — Exposição nacional de Milão. R. — Excerptos da poesia do Mystério, NARCISO DE LACERDA — Actualidades scientificas, Conservação dos cadáveres pela petrefacção, XAVIER DA CUNHA — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

GRAVURAS. — Portugal pittoresco, Varzea de Luso — General José Mangos de Faria — Salão de quadros, Praia do Alfoite — Agitações na Irlanda — Pelourinho de Villa Nova de Foscôa — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

A França acaba de perder um dos seus maiores poetas, Augusto Barbier.

É este «acaba de perder» não é aqui positivamente uma locução franceza, um gallicismo de phrase, para accrescentar ao numero consideravel dos attentados contra o purismo de linguagem que eu tenho commettido na minha vida, e continuarei a commetter, com toda a certeza, e francamente sem muitos remorsos, se continuar a viver n'este mundo de Christo en'este mundo das letras; este «acaba de perder» é a phrase precisa, verdadeira, n'estas circumstancias, porque a França começara a perder Augusto Barbier ha muitos annos, senão desde 1831 em que Urbain Canel publicou os seus *Iambes*, pelo menos desde as *Rimes heroiques*, talvez os ultimos versos onde se encontra o grande poeta da *Curée* e da *Popularité*.

Agora a França perdeu-o de todo; e Augusto Barbier, já esquecido, já quasi morto em vida des-

appareceu no tumulto deixando um volume de versos que irradiam gloriosamente sobre todo o nosso seculo litterario.

Os *Iambes* essa forma poetica que André Chénier deixára aos pés do cadafalso acharam em Barbier o seu mais poderoso e brilhante cinzelador.

Quando a França um dia leu, na *Revue de Paris*, aquellas estrophes vibrantes e brutae que

Mouselet compara ao celebre quadro de Delacroix a *Liberdade sobre as barricadas*, um grito de entusiasmo consagrou o grande poeta — que accordára gigante ao fusilar dos combates da revolução de julho, e todo o francez aprendeu de cór, n'um momento, como aprendera a musica heroica da Marselheza, essas estrophes grandiosas, estranhas, impregnadas do sopro revolucionario que vibra no hymno sagrado de Rouget de l'Isle:

E a França teve mais um grande poeta, e o poeta desconhecido de hontem, que entrara no gabinete de Véron com uma carta de Alphonse Royer, o seu amigo do collegio, escreveu logo o seu nome ao lado dos maiores poetas do seculo dezenove, entre Victor Hugo e Musset.

Saint Beuve que foi amigo de infancia de Barbier, traçou mais tarde, quando as luctas da vida, e as sympathias litterarias, o tinham já afastado do poeta dos *Iambes*, um retrato d'elle, em que transparece visivelmente um amigo despeitado, paiz limitrophe do inimigo irreconciliavel, cujas barreiras, seja dito, o auctor das *Lettres à la Princesse* nunca passou, mas que desenha perfeitamente o homem e o poeta:

«Augusto Barbier, o auctor dos *Iambes* é um homemsinho baixo e gordo, muito myope, ordinariamente bem vestido, filho de tabellião e por consequencia rico ou muito remediado, tendo passado já a idade das loucuras, e não as tendo nunca feito nem mesmo no tempo util; todo occupado d'arte, de leitura, não tornando nunca mais a encontrar a bella veia que apenas encontrou uma vez; poeta do acaso, mas poeta, finalmente um caracter digno, serio, e ainda que ha certos annos para cá os seus olhos myopes o impeçam, regularmente, de me reconhecer quando me

PORTUGAL PITTORESCO



VARZEA DE LUSO (Desenho do natural por Manuel de Macedo)

encontra e de me corresponder ao meu cumprimento, nunca deixei de o estimar e de o considerar como dos mais venerandos.»

Foi este o homem que a morte roubou agora á litteratura franceza e á Academia, porque por uma contradição extravagante o auctor dos *Lambes* foi recebido entre os *immortales* em 1870, quando Theophilo Gautier ficou de fóra; foi este o grande poeta que desapareceu ha dias no tumulo, e que deixou á poesia franceza d'este seculo algumas das suas melhores estrophes, o poeta que tem o seu nome a firmar esse monumento litterario que se chama *A Popularidade*, em que fulguram estas estrophes radiosas e immortales:

La popularité! — c'est la grande impudique
Qui tient dans ses bras l'univers,
Qui, le ventre au soleil, comme la nymphe antique,
Livre à qui veut ses flancs ouverts!
C'est la mer, c'est la mer! — d'abord calme et seréne,
La mer aux premiers feux du jour,
Chantant et souriant comme une jeune reine,
La mer blonde et pleine d'amour;
La mer baisant le sable et parfumant la rive
Du baume envirant de ses flots
Et versant sur sa gorge ondoiyante et lascive,
Son peuple brun de matelots;
Puis la mer furieuse et tombée en démence
Et de son lit silencieux
Se redressant géante et de sa tête immense
Allant frapper les sombres cieux:
Puis courant cà et là, hurlante, échevelée
Et sous la foudre et ses carreaux
Bondissant, mugissant dans sa plaine salée,
Comme un combat de cent taureaux,
Puis le corps tout blanchi d'écume et de colère,
La bouche torse, l'œil errant,
Se roulant sur le sable et déchirant la terre
Avec le râle d'un mourant;
Et comme la bacchante, enfin lasse de rage,
N'en pouvant plus et sur le flanc
Retombant dans sa couche, et lançant à la plage
Des têtes d'hommes et du sang!

— Poucos dias depois da França perder o grande poeta, Portugal perdia tambem um escriptor muito apreciavel, que tinha um talento gentil e uma alma gentilissima, que era um poeta distincto, um orador estimado, um dramaturgo correcto, e que era mais de que tudo isso, um bello e sympathico rapaz: — Luiz de Campos.

Não é culpa nossa se ha um tempo para cá a nossa profissão de chronista se vae parecendo muito com a profissão das antigas carpideiras. Vão-se sumindo rapidamente no tumulo aquelles que quando entrámos na vida litteraria encontramos cercados de applausos e de sympathias. Hontem era Ricardo Cordeiro, hoje é Luiz de Campos.

Conheciamol-o ha doze annos, e conheciamol-o sempre a morrer, como aquelle Revel do *Monde où l'on s'ennuye*. Era um rapaz baixo, magro, de grande cabelleira negra e encrespada, olhos escuros e melancolicos, pallidez baça de um tísico e de um romantico.

Era um poeta notavel cheio de uma sentimentalidade lyrica, um pouco doentia, e um excellente rapaz, nm caracter encantador, que atrahia sympathias entusiasticas.

Uma vez não contente com os triumphos alcançados como poeta lyrico e como orador parlamentar, Luiz de Campos, tentou as glorias do theatro: e tentou-as com muita felicidade. A sua primeira peça foi logo uma peça historica, *D. Leonor de Bragança* uma peça de grande responsabilidade, que, apesar dos seus defeitos inherentes a uma estreia, foi recebida pelo publico do theatro de D. Maria com muito applauso e valeu-lhe uma ovação, e subidas provas de deferencia.

Em seguida a sua peça apresentou outra, *As Almas d'Ouro*, e tinha mais duas concluidas, ou quasi concluidas, que nunca chegaram a subir á scena.

Luiz de Campos ha mais de vinte annos que luctava dia a dia com a morte. Foi um tísico á antiga, raros hoje em que a tuberculose mata rapidamente, em poucos dias, quasi que como uma doença fulminante.

Muitas vezes a sciencia julgou proxima a ultima hora do illustre poeta, muitas vezes a medicina deu como inevitavel a sua morte. Uma vez mesmo essa noticia correu os jornaes, e toda a gente teve o grande prazer de a ver no dia immediato desmentida por uma carta de Luiz de Campos.

D'esta vez, infelizmente, a noticia foi certa. O

ultimo ataque que ha mezes o prendia á casa foi terrivel, fatal, inexoravel, e depois d'um sofrimento atroz Luiz de Campos succumbiu nos braços de sua extremosa esposa e dos seus amigos intimos poucos dias antes de completar os seus 49 annos.

A litteratura portugueza perde em Luiz de Campos, um entusiasta escriptor, o parlamento um dos seus bons e fluentes oradores, e o partido progressista um dos seus mais leaes soldados.

Amigos de Luiz de Campos e apreciadores das suas qualidades de espirito e de coração, acompanhamos sua inconsolavel familia, na immensa dôr que a atormenta.

— Tem-se fallado muito na imprensa de Lisboa do despacho de indeferido posto pelo sr. ministro do reino ao requerimento da empresa de S. Carlos para dar como opera *d'obliga* uma opera original portugueza d'um artista de muito talento, o sr. Guimarães

O sr. ministro do reino tem sido vivamente agredido por esse despacho, mesmo pelas folhas ministeriaes, e nós que nunca fazemos politica, e que nunca a fariamos n'uma questão inteiramente alheia a ella estamos n'este conflicto do lado do sr. ministro do reino.

Tivemos já o prazer de ouvir n'um concerto a symphonia da opera *Beatriz* do sr. Guimarães, temos pelo talento do estimado artista a maxima consideração e sympathia, seria para nós uma noite de verdadeira festa aquella em que poderemos applaudir no theatro de S. Carlos essa opera original d'um nosso compatriota, mas nada d'isso pôde servir de argumento contra o justissimo despacho dado pelo sr. ministro do reino ao requerimento da empresa de S. Carlos.

O contracto do governo com a empresa é categorico, claro, terminante. A sua condição 12.^a diz textualmente o seguinte:

«Em cada uma das epochas a empresa dará uma opera nova de *reconhecido merito* e de auctor de *primeira ordem*, com todo o scenario e vestuario novo.

«Esta opera será de *grande reportorio* e não será posta em scena sem previa approvação do governador civil de Lisboa.»

N'este caso a letra e o espirito da clausula são claros e evidentes. O governo exarando-a no seu contracto teve evidentemente em vista obrigar o theatro de S. Carlos a acompanhar o movimento da musica moderna e a dar ao publico de Lisboa as obras consagradas dos grandes maestros, que não sejam ainda conhecidas entre nós. É bom? É mau? Seria preferivel que em vez d'esta clausula o governo obrigasse a empresa a abrir as portas do theatro aos maestros nacionaes que principiam? Não queremos discutir. Bom ou mau é isto o que é, e os contractos fazem-se para se cumprir.

Se o facto de haver uma opera original portugueza fosse um facto novo, imprevisito, que não podesse ter occorrido ao governo quando fez o contracto, ainda se poderia allegar esta circumstancia para se alterar o contracto que não podia ter previsto esse caso improvavel.

Mas ainda ha poucos annos se cantaram no theatro de S. Carlos, *O Arco de Sant'Anna*, *O Eurico*, *O Elixir da Mocidade* e por isso essa allegação não se pôde fazer.

Nós teremos immenso pezar se este anno não ouvirmos em S. Carlos a opera do sr. Guimarães, cujo talento nos é muito sympatico, como temos muito pezar de não termos ainda ouvido a opera do sr. Augusto Machado, a opera do sr. Antonio Duarte, cujos trechos já temos apreciado ao piano, e entendemos que a empresa de S. Carlos resgataria para com Lisboa todas as suas culpas d'este anno, e não são ellas poucas, dando-nos a *Beatriz* do sr. Guimarães, mas entendemos tambem que o governo tem restricta obrigação de manter e fazer cumprir o seu contracto e não o pode atropellar a pedido seja de quem fór.

E estamos certos que mesmo com a protecção á arte nacional, essa concessão seria extremamente nociva, porque a opera do sr. Guimarães, cantada como opera de *obliga*, ia á scena nas condições mais perigosas e difficeis para um auctor novo.

Todo o publico de Lisboa, estamos certo, tem pelo talento do sr. Guimarães muita consideração, e iria assistir á representação da sua opera nas mais benevolas disposições: mas desde o momento em que o ouvir essa opera, o inhibisse de ouvir uma opera qualquer consagrada já nos grandes theatros da Europa, desde o momento em que a audição da *Beatriz* viesse substituir a audição do *Lohengrin*, ou da *Estrella do Norte* ou do *Rei de Lahore* o publico teria todo o direito a ser excessivamente exigente, exigencias que seriam desagradaveis para todos os auctores que se estreiam, embora esse auctor tenha o brilhante talento do sr. Guimarães.

E do mesmo modo que estamos certissimos que qualquer escriptor dramatico portuguez, mesmo dos mais gloriosos, se prestaria de muito má vontade, ou mesmo não se prestaria, a apresentar-se ao publico de Lisboa em substituição a Augier, ou Dumas, ou Sardou, ou a qualquer auctor notavel estrangeiro, cremos que o sr. Guimarães preferiria muito mais apresentar-se aos espectadores de S. Carlos sem a pesada responsabilidade de se substituir a qualquer maestro de fama nomeada.

O ministro do reino não podia deixar de indeferir o requerimento da empresa, em vista do contracto. Podem os assignantes fazer quantos abaixo assignados quizerem, o ministerio do reino nada tem com isso. O governo não conhece assignantes: a assignatura de S. Carlos é um contracto perfeitamente particular entre a pessoa que assigna e a empresa.

Se nos perguntarem a nós, individualmente, se preferiamos que o ministro do reino deferisse o requerimento, responderemos logo que sim, porque, pessoalmente, tinhamos muitos desejos de ouvir a opera do sr. Guimarães; quando mais não fosse por já lhe termos ouvido a *symphonia*. Desejaríamos ouvi-la, e juntamente ouvir uma opera nova nas condições do programma; mas visto a empresa se recusar a abrir voluntariamente a porta a um compositor nacional, e só querer abrir, fechando-a, á despeza muito maior, com certeza, d'uma opera de *grande reportorio* nas condições do contracto, preferiamos a tudo ouvir a opera portugueza: agora o ministro do reino é que não tem nada que ver com a nossa predilecção individual, nem com os desejos pessoas do nosso visinho, tem só que ver com o contracto, e lendo-o, não pode de maneira nenhuma acceder ao pedido patriotico e economico da Empresa de S. Carlos.

Entretanto é bom que esta questão se tenha levantado, e pôde e deve tirar-se d'ella um bello resultado: é que nos futuros programas para a adjudicação, o governo mantendo a clausula 12.^a, introduza outra que obrigue a empresa de S. Carlos a pôr em scena, ao menos uma por anno, as operas nacionaes, que, por um jury competente, sejam julgadas dignas de se apresentar a publico.

Ao theatro de D. Maria põe o governo esta clausula em relação aos originaes portuguezes. Bem sei que nos augmentam com certeza com a differença que ha entre as despezas d'um theatro de declamação e d'um theatro lyrico, mas a esse augmento responde-se facilmente com a differença que ha entre o rendimento do theatro de D. Maria e o de S. Carlos, e o subsidio que o governo dá áquelle — apenas a casa — e a este a casa e vinte e cinco contos. E com esta clausula o theatro de S. Carlos terá muito quem o queira, como sempre tem tido, os maestros portuguezes trabalham com a certeza de não estarem a escrever operas para lhes morrerem sobre as estantes dos seus pianos, e nós teremos o prazer de applaudir no theatro de S. Carlos — que tanto custa ao paiz em relação ao que o paiz gasta com as outras artes — talentos formosos, sympathicos e promettedores como são os dos srs. Guimarães, Augusto Machado, e Antonio Duarte.

Gervasio Lobato.

SALÃO DE QUADROS

III

D'entre os quadros expostos pelo sr. Antonio Ramalho, um rapaz que começa, com uma bella arrogancia sustentada por um temperamento robusto d'artista, o intitulado *Praia do Alfeite* (n.º 31) é um dos mais notaveis. Ha n'elle uma riqueza enorme de tons amarellos, largamente espalhados por toda a parte, — nos altos saibros que se levantam pesadamente á esquerda, no areal immenso que vem descendo até ao rio, e ainda em mais saibros que se alastram, lá ao fundo, reflectindo-se fortemente nas aguas quietas. Até uma pobre mulher que está toda curvada para o chão no primeiro plano, sobre a areia, tem uma saia amarella! Entretanto, todos aquelles tons embaraçosos foram achados com uma felicidade rara, excepto o do grande areal, que é alvejante de mais, frio. As figuras elegantes das banhistas que passeiam na praia, umas de toilettes simples mas vistosas, e com sombrinhas listradas, outras de lucto, funereas, são d'um desenho primoroso; e o rapazito que sentado na areia n'ella enterra as mãos, entretido e deliciado, é realmente uma nota curiosa d'uma observação feliz.

As aguas, d'um socego somnolento, são soberbamente tocadas, bordadas d'espumas claras e

manchadas d'esverdeamentos fluctuantes d'algas. E todo o quadro, com o monte verdejante que, salpicado de casarias brancas, vae subindo, ao fundo, até ao azul sereno da atmosphera inundada de sol, é d'uma perspectiva excellente, e d'um effeito geral esplendido.

Quadro d'uma execução muito feliz, as *Lavadeiras na Romeira* (n.º 35). No primeiro plano, ao meio d'um largo prado atapetado de relvas frescas, d'um verde tenro, ha uma grande poça cheia d'aguas ensaboadas, de roda da qual as lavadeiras atarefadas, umas em pé e outras de joelhos, saõdem, ensaboam, e esfregam valentemente as suas roupas, n'uma faina dura sem duvida alegreza por conversas mexeriqueiras; as figuras rudes d'estas mulheres, de mangas arregaçadas, vestidos molhados e lenços baratos de côres diversas na cabeça e nos hombros, são d'um desenho bem indicado, vigoroso; — apenas se pôde notar em algumas d'ellas uma certa transparencia, verdadeiramente inexplicavel. A esquerda, sobre uns ramos verdes, estão a enxugar varias roupas, brancas e de côr; depois, estende-se uma espessura de grandes choupos, de ramarias esbranquiçadas e redondas, e por cima d'uns saibros muito escuros que correm a todo o fundo até á direita, perfila-se um canal extenso, por traz do qual apparecem confusamente manchas irregulares de pinheiros mansos melancolicos. É um dia de outomno, humido, e a atmosphera um tanto brumosa escorre como que uma penetrante frescura triste.

Este quadro, tocado com uma espontaneidade soberba, é d'uma impressão profunda, bem sentida pelo artista; e só a franqueza rapida e sincera com que está pintado é que fez que alguns pontos se achem quasi que apenas ligeiramente esboçados, — o que, ainda assim, nada prejudica o conjuncto admiravel da tela.

E tambem magnifico o pequeno quadro *Convento de Santa Clara*, Santarem, (A) — o qual não está mencionado no catalogo illustrado. Vêem-se no primeiro plano umas terras cobertas de relvas molhadas, onde ha pequenas manchas espalhadas de floritas brancas e amarellas, — tudo perfeitamente tocado, e apresentando uma excelente impressão de terrenos encharcados por aguaceiros inclementes. Depois, sóbe a todo o fundo um muro caiado, que se continua á direita por umas casitas baixas, esbranquiçadas de cal e telhados sobrepostos; e por traz, alastra-se a mancha enorme d'um vasto mosteiro velho, d'architecturas severas pittorescamente negras, e torres encimadas de cruces e globos grosseiros sulcando largamente o azul lavado, onde andam umas nuvens brancas, esfarrapadas. Este quadro é d'um effeito encantador, e dá-lhe um colorido attraente e singular o tom alaranjado das paredes do convento, em que o sol d'alguns seculos tem deixado alegremente o seu vestigio doirado.

Aqui tenho eu outro rapaz dotado d'uma poderosa organização artistica, o sr. Malhõa. Foi elle quem apresentou a tela de maiores dimensões, e de não pequeno valor, — por titulo a *Ceara invadida* (n.º 15). Louvo-lhe o arrojo sympathico, mas parece-me que o mesmo assumpto tratado em tela menor livraria o meu caro Malhõa d'alguns defeitos salientes. Entretanto, se esses defeitos podem justamente ser observados no grupo de vitellos, socegados e meditabundos, que occupam o primeiro plano, é preciso confessar que a paisagem vasta, immensa, que enche toda a tela, é d'uma execução felicissima, e tocada com um vigor e uma franqueza excepcionaes, que denunciam brilhantemente um pulso seguro e forte d'artista privilegiado. E a verdade é que, contra a vontade do artista, a qualidade dominante e poderosa do quadro é inquestionavelmente a larga paisagem, e não aquelle manso grupo de vitellos, brancos e malhados de preto, os quaes vistos a uma certa distancia parecem simplesmente uns pobres cordeiros pacificos, ingenuamente entretidos a farçarem o ar, e um mais comilão abocanhando umas cannas secas de milho; — por signal que é o mais perfeitamente desenhado. O tom e o toque de todo o pello dos vitellos, são o que logo os assimilha a uns enormes cordeiros; em vez do seu natural pello fino, d'uma brancura quasi azulada, depa-se-nos um pello muito grosso, comprido, empastado por vezes, e em partes d'um amarellado sujo de lá. Em todo o caso, vê-se claramente em Malhõa uma propensão feliz para animalista. E, sobretudo, que esplendida paisagem! Como é bem tocado o milharal enfezado do primeiro plano, e como o segundo se desenrola vastamente, n'uma planicie extensa e arida que foge até um horizonte muito affastado, toda tristemente mergulhada n'uma escuridade vaga que cae da atmosphera pardacenta, couraçada de nuvens densas e sombrias!

Se este quadro não revelasse exuberante-

mente o paisagista perfeito, bastaria entre outros o *Brejo* (n.º 18), para o confirmar plenamente. Entre uns canaviaes altos, de verdes esbranquiçados, metallicos, vêem-se umas aguas tocadas muito habilmente, d'uns tons baços de prata embaciada, d'onde emerge pittorescamente a prõa recurva d'um saveiro negro, escavacado. Depois, estende-se o brejo immenso, coberto de hervas rachiticas, d'um amarellado doentio, até um horizonte distante onde terras muito negras se recortam fortemente sobre uma tira do azul pallido do ceu, que immediatamente se perde sob uma camada confusa de nuvens pardacentas.

Este bello quadro, d'uma impressão viva, e tocado com uma espontaneidade admiravel, produz vagamente uma sensação indefinida de tristeza e de abandono.

Monteiro Ramalho.

AS NOSSAS GRAVURAS

VARZEA DE LUSO

Nas faldas da serra do Bussaco assenta esta formosa povoação que dista 18 kilometros ao N. de Coimbra e 220 ao N. de Lisboa.

Conta actualmente cerca de 300 fogos, com uma freguezia da invocação de Nossa Senhora da Natividade.

As suas bellezas naturaes rivalisam com as da afamada Cintra, e poucas pessoas em Portugal, das que passam a estação calmosa fóra das cidades, as desconhecem.

Alem d'isto, Luso é uma estação de banhos para molestias cutaneas, havendo ali um estabelecimento para esse effeito, fundado em 1854, em condições regulares, por iniciativa do sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões.

A varzea de Luso, que faz o assumpto da nossa gravura, é dos sitios mais soberbamente pittorescos que se conhecem ainda que pouco frequentado pelos visitantes, por muito escuso e de difficil accesso.

Entretanto o sr. Manuel de Macedo, em uma das suas excursões artisticas pelas provincias, conseguiu, levado pela curiosidade de artista, penetrar n'aquelle encantador recinto e copiar para o seu album a deliciosa paisagem que hoje apresentamos aos nossos leitores.

AGITAÇÕES NA IRLANDA

Já em n.º 106 do IV volume do nosso periodico o sr. Pinheiro Chagas fez uma exposição clara e conciza das causas proximas e remotas que motivaram a alteração da ordem publica na *Verde Erin*, a Irlanda, e que tornaram aquella ilha tão pacifica e agricola, n'um foco de desordens e crimes.

Depois das primeiras agitações e das prisões dos srs. Parnell e Dillon, a liga agraria continuou na sua propaganda e acção de resistencia. Formou-se outra liga de senhoras dirigida por miss Parnell, e como as auctoridades impedissem algumas reuniões d'estas, e na previsão de sua provavel prisão, miss Parnell dispoz que n'esse caso a direcção da liga passaria para Londres debaixo da superintendencia de miss. Helena Taylor.

Os tres commissarios nomeados pelo governo auxiliares por trinta e seis adjuntos começaram a obra do exame de reclamações, mas nada tem conseguido de positivo. Pelas portas e esquinas appareceram os editaes ou avisos da Liga que mostraram logo a excitação dos instinctos ferozes populares. O aviso compõe-se apenas de um rectangulo de papel tendo no alto uma caveira sobre os dois ossos cruzados, por baixo as palavras — *No rent* — (não se paga renda) e inferiormente a ellas o desenho de um caixão, tendo na rampa sobre a lista branca a seguinte inscripção — *He paid his rent* (pagou a sua renda). Este simples aviso resume a situação. Quem não paga a renda é citado perante os tribunaes, e a 7 de janeiro já perto de 70:000 causas tinham sido propostas perante os de 1.ª instancia, quem paga a sua renda é morto, ou destruida a sua casa pelos ligueiros.

Os logistas recusam vender os seus generos e até o tabaco aos agentes da auctoridade; nas feiras e mercados os rendeiros veem-se desprezados pela multidão; as damas são perseguidas em suas proprias casas, não escapando até as octogenarias. Aos proprietarios que intimam os rendeiros para o pagamento, apparecem estes em grupo e cada um declara que não paga por duas causas: pela sua pobreza, e pela determinação em que estão de o não fazerem enquanto os presos não forem soltos.

Os novos jornaes *United Ireland*, impresso em Londres é apprehendido á sua chegada a Dublin; do *Irish Wored*, tambem apprehendido,

alguns exemplares escapam á vigilancia da policia, e é prohibida a circulação de uma obra de O'Donovan Rossa *Irishman*.

São já muitos e continuados os ataques á policia, as offensas aos animaes inoffensivos ou de guarda, aos proprietarios, rendeiros ou suas familias, e ás propriedades; ao mesmo tempo levanta-se em um dia uma habitação para um rendeiro expulso da que occupava, e abrem-se subscripções para acudir ás necessidades d'estes e dos presos, apparecendo entre os subscriptores nomes dos que dão como causa do seu não pagamento — a pobreza.

O que é mais singular é a conservação dos costumes tradicionaes d'aquelle povo unico, que assiste á missa, conduz á feira o seu porco, cava com a enchada, ou lavra agarrado á rabiça do arado, de casaca e chapéo alto, como nós vamos aos enterros ou aos banquetes!

Não podendo dar todas as scenas d'esta agitação que nos transmittem os periodicos inglezes, escolhemos algumas mais notaveis, para os nossos leitores formarem uma idéa do que se passa na Irlanda.

A gravura n.º 1, a pag. 53, representa a casa de habitação do rendeiro M'Cormack, sita em Loughgall no condado d'Armagh que foi malevolamente destruida pelo fogo na noite de 28 de dezembro do anno passado. M'Cormack tinha pago a sua renda. Este attentado tornou-se notavel, por ser praticado para a parte do norte, onde outros crimes de igual natureza se tem realiado. O rendeiro pediu indemnisações.

N.º 2. — No dia 31 de dezembro ultimo foi commettido este brutal attentado em pleno dia, em Irishtown, uma milha distante de Mullingar. Cerca das oito e meia da manhã um homem mascarado entrou na casa onde uma edosa viuva, chamada Anna Croughan, vivia com suas duas filhas Esther e Anna. Sem proferir palavra, apontou um revolver á sr.ª Croughan, e disparou, errando porém o tiro. Esta senhora e sua filha Esther correram para um quarto proximo, cuja porta fecharam, mas que foi logo arrombada pelo assassino, que disparou quatro tiros sobre Esther, matando-a instantaneamente. A velha mãe salvou-se escondendo-se debaixo de uma cama, mas o malvado dirigindo-se a outro quarto, onde a filha Anna jazia doente n'um leito, disparou um tiro sobre ella ferindo-a no hombro. Depois d'isto fugiu. O unico criado que havia na casa, tinha saído a levar o leite á casa de correcção, mas logo que voltou foi informar a policia do acontecido, a qual com os magistrados veio tomar conhecimento do facto. Nenhuma informação se podera ainda obter acerca do assassino.

N.º 3. — Este crime foi referido a primeira vez pelo *Graphic*. Deu-se nas montanhas de Bilbo, condado de Limerick, na propriedade do sr. O'Grady, que tinha despedido varios rendeiros, e tinha de prevenção nas suas casas alguns policias e homens auxiliares. Sendo o districto bastante solitario, e não havendo por elle quem lhe podesse fornecer o indispensavel, tinha O'Grady um bom curral de cabras, para lhe darem leite. Na ultima semana de novembro, uma occasião as cabras foram estafadas, pela meia noite, por alguns malvados, que as ataram pelo pescoço e segurando-as por uma corda lhes deceparam as cabeças, inutilizando-as. Em outras partes mataram os cães de guarda ás pedradas.

N.º 4. — A 25 de novembro um bando de cerca de vinte homens, com o rosto mascarado entraram n'uma cabana em Scrahan, perto de Listowel, condado de Kerry, onde vivia uma pobre mulher chamada Brigida Lenane, com tres filhinhos, que foram despertados do seu somno pelo estrondo do arrombar da porta. Um dos do bando accendeu uma luz, e o chefe disse a Brigida: «Ides agora pagar por terdes cumprido a intimação» e apontou-lhe a espingarda á cabeça; mas n'este momento um dos pequenos, de doze annos de idade, collocando-se deante da mãe, gritou-lhe: «Eu bem vos conheço, e se offenderdes minha mãe, haveis de pagal-o.» A arma porém, fora disparada, e com quanto a pobre mulher escapasse, a carga foi ferir a sua filhinha mais nova, de sete annos apenas, em ambas as pernas. Antes de partidos os assassinos ameaçaram de morte a Brigida, se ella revelasse alguma cousa d'este crime. Oito d'elles foram subsequentemente presos, e entregues ao tribunal competente, depois de terem sido, conhecidos por aquella.

N.º 5. — Representa a casa de um rendeiro expulso por não pagar a renda.

N.º 6. — Figura uma das muitas scenas de aggressão do populacho á policia e agentes da auctoridade. N'estas occasiões e em outras os amotinados atiram sobre aquelles, paus, pedras e até a lama das ruas. Mulheres, homens e rapazes, são os actores d'estas scenas.

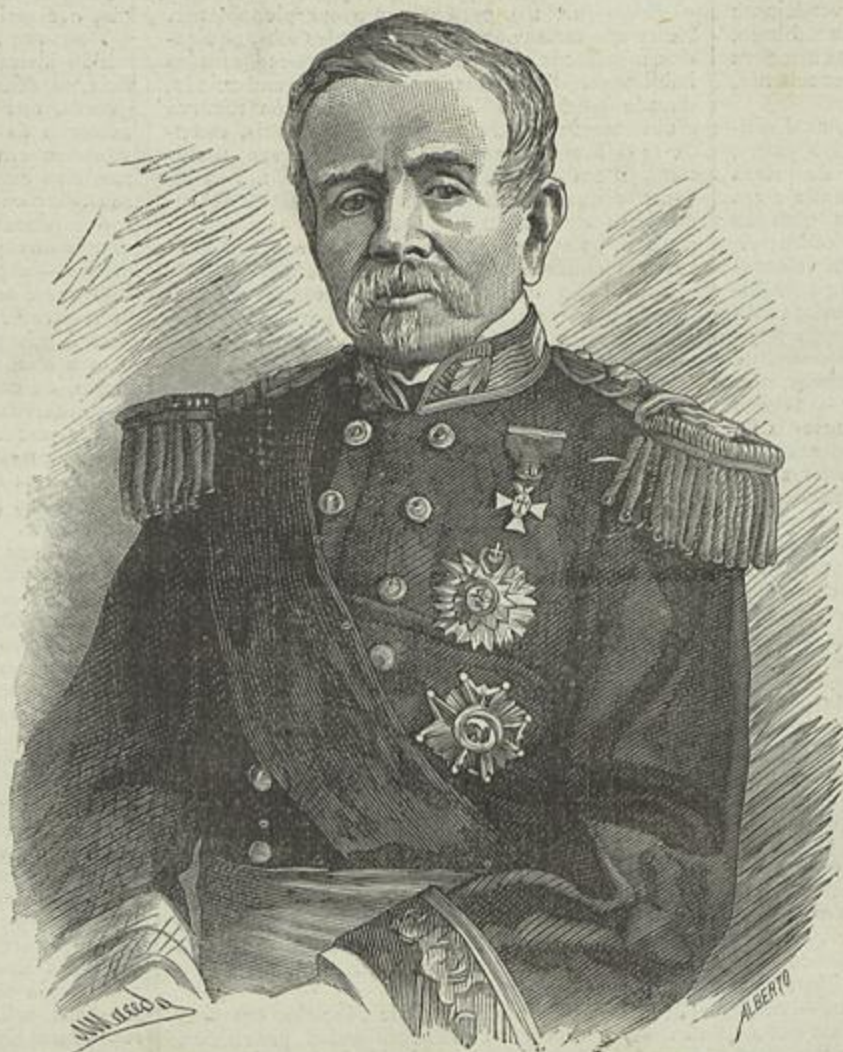
PELOURINHO DE VILLA NOVA
DE FOSCÔA

Villa Nova de Foscôa é uma bonita povoação, séde de concelho e cabeça de freguezia, que conta 3:148 habitantes distribuidos por 769 fogos, e dista 2400^m da foz do rio Côa, que lhe corre a E. A margem esquerda do rio Douro fica-lhe 5600^m ao N., e ella pousa no planalto da extensa cumiada que desde as immedições de Trancoso se desenvolve no sentido N. S. pela crista de uma sequencia de collinas, contornadas em monticulos muito apertados uns contra os outros, de fórma arredondada e lisa, parecendo na agglomeração, na disposição e na fórma orographica uma longa serie de pães dispostos para entrar no forno.

O terreno é por esta região argiloso, deixando em muitos pontos o seu nucleo schistoide a descoberto, constituindo assim uma região escassa de aguas, cálida e doentia, apenas particularmente apta para a cultura da amendoeira e das cucurbitaceas. Ha tambem vinho licoroso em abundancia, mas muito inferior em qualidade ao produzido propriamente na região vinhateira, desde a Regua até S. João da Pesqueira.

As casas da villa são em geral construidas de schisto, sendo rarissimo o granito, que apenas se vê na igreja matriz, no pelourinho, nos paços do concelho e em tres ou quatro edificios de propriedade particular. A sua industria é nulla e insignificante o movimento commercial, que se vê enormemente paralyzado com a carencia quasi absoluta de boas communições para o resto do paiz.

É sem duvida recente a data da criação de Foscôa, que foi determinada pelo desenvolvimento economico da região em que assenta. A tradição attribue o seu nascimento aos esforços benemeritos de D. Diniz ahí por 1229 para povoar e engrandecer o reino. Foi feita villa por D. João I e era dos condes de Villa Nova de Portimão.



GENERAL JOSÉ MANÇOS DE FARIA, DIRECTOR GERAL DA ARMA DE ENGENHERIA
Fallecido em 30 de Janeiro de 1882 (Segundo uma photographia de Henrique Nunes)

Torna-se particularmente recommendavel o seu pelourinho, hoje dado em gravura pelo OCCIDENTE, tão original na fórma, quanto na execução perfeito e elegante no desenho. É de granito; e pela natureza dos ornatos, bem como pela sua profusão e arranjo, deve ser obra do reinado de D. Manuel. Ergue-se na praça prin-

graçado letreiro, que dizia serem «as nascentes da nata, rio que rega e fecunda as planicies lombardas, tendo a foz em Gorgonzola, onde chega um tanto queijo.»

Sobre a fachada, aos lados da porta, pintou Mentessi, de uma parte, um baixo relevo muito bem imaginado, representando o tramway no

cipal da villa, que tem as ruas muito regularmente calçadas e iluminação publica desde o passado setembro.

A. A.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILÃO
XXXII

Para em tudo ser singular esta exposição, áparte das corridas, jogos, theatros e outros divertimentos mais ou menos usados para amenisar e tornar mais attraentes estes certamens industriaes, houve um grupo de cinco individuos, que formam parte da associação *Familia Artistica*, de Milão, que idearam uma exposição *sui generis*, que intitularam — *Indisposição das Bellas Artes*.

Nascida de um pensamento melancolico, como diz Chirtani, expandiu-se em graça e humorismo.

Emittiram acções como a grande exposição, acções de 100 liras ou 188000 réis proxicamente, excitando o riso de todos. Mas as acções foram vendidas e os fundos estavam por tanto achados.

Tiveram sessões acaloradas para a organização do programma, o que deu logo um quadro a Bignami, onde representou o presidente tapando os ouvidos, os outros membros fazendo um inferno incrível, e o secretario que deve redigir a acta, espivitando o lustre e debatendo-se como um macaco.

Estava disponivel o antigo estabelecimento do esculptor Marchesi, na rua S. Primo, que foi immediatamente alugado. Desembaraçado das coisas menores, conservaram ali as duas grandes figuras de rio, que custariam muito a remover, sendo aproveitadas e ornadas, e a que se poz um en-

SALÃO DE QUADROS



PRAIA DO ALFEITE — Quadro de Ramalho Junior, comprado pelo sr. Dr. Luiz Jardim (Desenho do mesmo auctor)



tempo dos gregos. Da outra parte, uma enorme teia de aranha cobria a fachada de alto a baixo, dando logo vontade de rir a quem queria penetrar na exposição.

No interior as paredes foram cobertas de quadros, alguns de muito maior merecimento do que os que seus auctores haviam apresentado na exposição. Quatro grandes pilastras sustentavam a abobada, a que deram os nomes de Anteo, Atlante, Hercules e Piccaluga, sobre as suas faces foram distribuidos varios esbocetos. A porta havia um moiro exactamente como o que se encontrava na exposição de Bellas Artes. Ao fundo da sala um restaurante — *Caupona di Lucullo*, com serviço de «bebidas hygienicas e hilariantes, conservadas frescas pelo gelo nacional.»

XXXIII

A *Indisposição* compunha-se de quadros e gessos. Muitos d'elles eram parodia, trocadilhos ou gracejos de outros conhecidos. Exemplo: *Brac, brech, brich, bruck e brocc*; *Uma fuga de Bach*, eram os bichos de seda indo para o bosque, pintado por Concone. Já dissemos n'outra parte, que os quadros de Michetti e nomeadamente as suas



AGITAÇÕES NA IRLANDA

molduras, forneceram assumpto para muitas parodias. Concone pintou um sol no meio de nuvens amarellas, que parecia um ovo n'um prato, e dizia a inscripção — «*efeito de sol bom para comer com qualquer michettina.*»

O catalogo da *Indisposição* a que deram o nome de *Livro de ouro*, é uma peça de fazer rir. Spartaco Vela, que o catalogo diz filho de seu pae, compoz um quadro de parodia michettiana, que não se sabe bem se é uma paisagem, se é uma marinha. Roberto Fontana fez uma felicissima parodia do quadro de De Laroche — *Cromwel* — porque a transformação parece exactamente o quadro serio.

A gravata atravez dos seculos, de Gorra, parodiava um livro de auctor conhecido. A *Senhora do Socorro* beliscava argutamente o jornalismo feito á tesoura e com as encyclopedias, no meio do quadro a Senhora com o menino distribuiam pedaços de jornaes e livros cortados á tesoura, aos chronistas que a adoravam de joelhos, etc.

Não podemos, porque seria fastidioso, descrever todos os quadros d'esta notavel exposição, mas não deixaremos de citar aquelle que se intitulava — *A procura dos Krumirs*, de Vespasiano Bignami, pela critica aos primeiros passos dos francezes na Tunisia. Um homem um tanto mal trajado, de cara e aspecto indiscriptivel, mas soberbo, de cachimbo ao canto da bocca, procura com a mão mettida por dentro da camisa, certos animaesinhos, que pelo franzido do rosto, bem se vê que o incommodam; na moldura do quadro vêem-se alguns compassos de musica, e sob elles a muito conhecida letra — *Allor che i forti corrono.*

O passeio historico, que tinha havido projecto de se fazer na *Exposição*, mas se não fez, deu nos ultimos dias um espectáculo que fez estalar toda a gente com riso.

As *sombrinhas* de Campi tiveram um successo espantoso. Com as mãos e braços nus, combina de tal maneira as posições que representa animaes, pessoas e tudo quanto lhe apetece, projectando-se sobre uma tela branca.

Houve tambem conferencias pelo socio Mangili, que eram engraçadas explicações dos objectos expostos, feitas por modo e com tal espirito, que o auditorio não se fartava de ouvir. Uma das mais divertidas foi o discurso do Podestá de Bergamo a Napoleão I, depois da batalha de Marengo, feito em bergamasco, no qual lhe pedia um porto de mar. Um quadro representava as ondas na praça onde devia formar-se a praia que centenas de pessoas esperavam.

Os grupos de escultura deram obras magnificas e engraçadissimas.

Tudo isto trouxe á exposição quarenta mil en-

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 114)

IX

Antonio Dourado não teve animo de sair da loja.

Estava ao balcão agarrado como a ostra á casca!

De quando em quando consultava o relógio; era visível o seu phrenesi; a sua impaciencia era insoffrível.

O conego não se lhe tirava da idéa, tinha a Joanna atravessada na garganta. D. Monica representava-se-lhe como em sonhos, e tornava-se-lhe um pesadêlo intoleravel.

Oh! que supplicio de herança, antes couves sem azeite! E ainda lhe haviam de invejar a fortuna adquerida assim com tamanhas canceiras de corpo e ralações de espirito!

Fossem para lá que elle lhes diria quanto custava a arranjar a vidinha.

Nem tudo eram rosas, e essas mesmas tambem tinham os seus espinhos.

A final rebentou a bomba.

A mulher veio á escada chamal-o

— Antonio, ó Antonio!

— Que é, que foi?

E saltando por sobre as saccas do arroz, e as barricas do assucar, foi ao encontro d'ella mais lesto que um raio.

— Ouviste?

— Diz lá mulher, diz, exclamou elle, procurando no bolso o seu lenço para enxugar as camarinhas do luzidio suor, que lhe bordava a testa.

— Repetiu-se-lhe agora o ataque!

— Ah!...

O relógio foi de novo consultado. Faltavam apenas cincoenta e cinco minutos.

tradas, que produziram 408000 francos, calculando-se que os accionistas tiveram um dividendo de 50 p. c. por acção. Não ha companhia que dê tal resultado.

XXXIV

Tinhamos ainda muito que dizer a respeito da *Exposição nacional de Milão*, a mais notavel que n'estes ultimos tempos se tem feito. Tocamos ligeiramente alguns pontos importantes e que podem ter applicação ao nosso paiz.

Viu-se n'aquelle grande certamen o que póde a iniciativa nacional bem dirigida, auxiliada e protegida por governos patriotas, cujo mister deve ser este, e não fazer tudo, como no nosso paiz é costume exigir-se; viram-se as opiniões dos homens mais eminentes com relação ás diversas manifestações industriaes e artisticas, indicarem o que estas reclamam para o seu progresso e melhoramento, e como todos assentam que o verdadeiro desenvolvimento não o esperam de direitos protectores e outros privilegios, mas sim da instrução profissional, scientifica e artistica, baseada na energia e actividade nacional.

Todas estas indicações se pódem applicar ao nosso paiz. É reconhecida a necessidade que temos de cuidar d'essa instrução com affinco e sem perda de tempo; quanto é necessario que os capitaes, longe de servirem na sua quasi totalidade ás especulações da Bolsa, se applicuem com calor e confiança ao progresso das artes e industriaes, retemperando a antiga energia nacional um tanto embotada, e sobre tudo que breve e muito breve se chame o paiz a uma *Exposição nacional*, onde se possa avaliar o seu progresso, palpar as suas necessidades, e estudar e aconselhar os seus melhoramentos futuros.

Felizmente a exposição retrospectiva de arte ornamental veio abrir o appetite publico e já se elabora o projecto de um edificio para *Exposição*, o que é um bom symptoma de vida e de progresso.

R.

O GENERAL JOSÉ MANÇOS DE FARIA

A 3o de janeiro do corrente anno, fallecia na sua casa da rua dos Cardaes de Jesus o general de divisão, director geral da arma de engenharia, e commandante do corpo do estado maior, José Manços de Faria, um dos officiaes mais antigos do exercito.

Nascera em Lisboa a 21 de maio de 1795, sendo filho de Nuno Caetano de Faria e de D. Ma-

O medico era excellente. Poucos haveriam que matassem com tanta precisão.

— Bem, hem, e agora?

Antonio Dourado não sabia o que lhe convinha, se ficar na loja, se acompanhar a mulher. Andava para traz e para deante, n'uma atrapalhão enorme.

A mulher chamou-lhe tataranha, e disse-lhe uma palavra ao ouvido, que o obrigou a dar um pulo de contente.

Que magica palavra seria aquella?

Antonio Dourado tirou da algibeira um papel dobrado em forma de officio, e entregou-o á luminosa metade, que o guardou no seio, e se foi lestantemente pela escada acima, arregaçando as saias, e deixando ver as chinellas bordadas e os enormes aleijões dos seus joanetes monstruosos.

Era de fugir a pés de cavallo!

Aquillo só resistia a coragem do mercieiro, um valente para casos d'estes, o qual, como se costuma dizer, topava a tudo.

Bom maganão!

Antonio Dourado entrou na loja a esfregar as mãos, disse de passagem duas chalaças ao primeiro caixeiro, fez uma festa ao marçano, puxando-lhe pelo nariz, depois, foi ver-se a um espelho pequenino, a que o creado fazia a barba.

Nada achou de notavel.

Sentia-se satisfeito, cheio de um certo contentamento intimo.

Estava-lhe o corpo a pedir folia.

D'alli a bocado, o conego veio pessoalmente á loja chamal-o.

Já trazia as botas calçadas, e o barrete de algodão guardara-o na algibeira, vindo portanto com a reverenda corôa á mostra.

ria Angelica da Conceição. Depois de convenientemente preparado frequentou o 1.º e 2.º annos de mathematica na Academia de marinha, e os estudos de engenharia na antiga Academia de fortificação, obtendo premios no 1.º anno de mathematica e no 3.º de fortificação e artilheria. Segundo o costume do tempo, um anno antes de concluir o curso foi despachado 2.º tenente de engenheiros no 1.º de abril de 1817 dia em que assentou praça. Em 1818 concluiu o curso, sendo em seguida empregado no serviço da sua arma. Em 18 de dezembro de 1820 foi promovido a 1.º tenente.

Começava então o periodo da transformação da sociedade politica em Portugal e quando em 1827 o conde de Villa Flor foi mandado reprimir a revolta que se levantava a favor do absolutismo, o tenente Manços fez na sua divisão parte d'essa campanha. Isto não devia tornal-o muito affecto ao governo do usurpador aclamado em 1828. O facto é que se achava servindo em Abrantes, quando foi mandado apresentar ao novo governador d'Angola, barão de Santa Combadão afim de com elle seguir na charrua *Maia Cardoso* para aquelle Estado, em novembro de 1829, onde o mandavam servir, verdade é que com a patente de capitão, e o tempo de serviço contado em dobro.

Todas essas vantagens lhe foram descontadas pelo governo legitimo restaurado, apesar de alli servir mais de quatro annos apresentando-se em Lisboa a 6 de junho de 1834, sendo portador do auto de aclamação do governo liberal, celebrado na cidade de Loanda a 18 de janeiro do mesmo anno.

Foi então mandado considerar de novo 1.º tenente, sendo logo a 24 de julho promovido a capitão. Em 1837 adheriu ao movimento dos marechaes para a restauração da Carta Constitucional, assistindo á acção do Chão da Feira, pelo que foi passado á 3.ª secção. Pouco tempo permaneceu n'esta situação. A 26 de novembro de 1840 foi promovido a major, por fins de 1842 principios de 43 foi nomeado commandante (hoje inspector) de engenharia na 7.ª divisão militar (Alemtejo). Até ao principio de dezembro de 43 não parou um momento, percorrendo todo o Alemtejo, Elvas, Evora, Beja, Mertola, Portalegre, em serviço de engenharia militar.

Em dezembro passou ao serviço das obras publicas começando os estudos preliminares das estradas do districto d'Evora.

No 1.º de janeiro de 1844 tomou de novo posse do seu logar na engenharia militar d'aquella provincia. Serviços inglorios, mas constantes, mas incessantes o faziam andar n'um rodopio d'Elvas para Evora, para Beja, Estremoz, Villa Viçosa, Juromenha, Campo Maior, examinando quartéis

Isto indicava alguma coisa.

— Dá-me uma palavra? disse elle sombrio e funebremente.

E accrescentou:

— Aquillo está a decidir!

D. Monica já não era outra coisa: era *aquillo*.

— Já sei que se lhe repetiu o ataque.

— E' verdade

— Que me quer então?

— Dizer-lhe duas palavrinhas: eu não gosto de rabos de palha.

— Ninguem lhos põe, accrescentou o mercieiro.

— Isso é o que nós não sabemos. Mas vamos ao caso.

— Vamos lá.

— Em primeiro logar, quem se encarrega do enterro?

— Ora essa, o cangalheiro.

— Não digo isso, quem paga essa despeza?

— Paga ella, creio que não está em circumstancias de ser enterrada pelo amor de Deus.

— Oh! de certo! exclamou o padre, ella tem de seu, mas eu não quero rabos de palha.

— Nem eu, disse o sr. Antonio Dourado, olhe que sou muito direito, e gosto das coisas muito claras.

— De accordo, mas já gastei cinco mil e seis centos, e não quero perdel-os.

— Pois aqui aonde me vê, andam por lá mais de oito centos mil réis, e estou calado.

— O senhor que se cala é que lá se entende. Pois se lhos emprestou sem documento, fica sem elles.

— Pode-lhe succeder o mesmo com os seus cinco mil e seis centos.

— Isso veremos: eu já mandei chamar o juiz eleito e o senhor hade servir de testemu-

e edificios, fazendo orçamentos, e dirigindo reparações e obras, muitas vezes retardando a marcha por falta de cavalgadura de bagagem, outras pagando do seu bolso a despeza das obras, por falta de dinheiro do Estado, como succedeu em Beja, e isto com os seus vencimentos atrasados, pois em fevereiro de 45 recebia processados apenas os seus recibos de agosto e setembro de 44, e em dezembro de 1850 ainda se lhe deviam todos, desde dezembro de 1849 inclusivè.

A 25 de fevereiro de 1845 assistia com o sr. Joaquim Simões Margiochi á vistoria da ponte do Caia, que tinha dois arcos abatidos.

Fez a campanha de 1846 a 47 na divisão de operações ao sul do Tejo, com Bernardo José de Abreu, barão de Estremoz, conde de Vinhaes e visconde de Setubal, assistindo ás acções de Vianna do Alemtejo, onde foi contuso, e á do Alto do Viso, desempenhando as funcções de quartel mestre general. A 19 de abril de 1847 fôra promovido a tenente coronel.

A 30 de outubro, chegou de novo a Elvas como commandante da engenharia, occupando-se d'ahi em diante nos trabalhos do seu ministerio, por todas as terras mencionadas e outras, dando no 1.º de maio de 1850 começo ao reparo da cortina entre o baluarte de Santa Cruz e Curral dos Coelhos da praça de Campo Maior.

Em 1848, a 23 de dezembro, foi mandado inspecionar todas as praças da 7.ª divisão até Villa Nova de Milfontes, para se saber o numero e calibre das peças com que deviam ser artilhadas, e a 16 de julho de 1849 foi-lhe ordenado igual serviço na 5.ª divisão militar.

Em 1851 foi promovido a coronel com a antiguidade de 29 de abril.

Em 1852 foi mandado demarcar as esplanadas da praça de S. Julião da barra, serviço que concluiu no 1.º de maio. Neste anno, a 29 de setembro, foi graduado em brigadeiro.

Em 14 de setembro de 1858 tomou de novo posse do lugar de commandante de engenharia da 7.ª divisão militar.

A 3 de maio de 1860 foi nomeado membro da comissão mixta de engenheiros civis e militares, que deviam estudar um novo traçado do caminho de ferro na provincia do Alemtejo, e vindo a 29 dar conta d'essa comissão ao ministerio das obras publicas, regressou depois ao seu commando.

Nomeado 2.º commandante da escola do exercito pela ordem n.º 8 de 24 de fevereiro de 1865 foi exonerado pela ordem n.º 12 de 27 de março seguinte, não chegando a tomar posse.

Promovido a general de brigada a 17 de julho de 1865, e nomeado governador da praça d'Elvas pela ordem n.º 47 de 11 de outubro, entregou o commando que exercia a 21 d'esse mez.

nha, hade ver tudo com os seus proprios olhos, porque eu já lhe disse que não quero rabos de palha.

E n'isto acudiu a mulher do merceeiro ofegante, quasi sem poder articular palavra.

Nunca se vira uma coisa assim!

Ella trazia uns gestos homericos, e umas attitudes tragicas de matrona romana.

— Ora esta! o sr. conego mettido aqui na tenda a dar á lingua, e aquella pobre senhora nas ancias da morte!

— Que quer que lhe faça? Não está lá sempre agarrada a ella?

— Estava, mas o meu lugar pertence-lhe agora, eu não lhe heide resar o officio da agonia, estando presente um ecclesiastico, a quem encumbe a salvacão das almas.

— Apoiado! exclamou o merceeiro.

O conego não disse nada, voltou-lhe as costas e foi-se embora.

Entretanto Antonio Dourado fazia signal á mulher, para que lhe fosse no encaço.

— Não o percas de vista, olho com elle!

D'alli a bocado, chegou o regedor e o seu escrivão.

Antonio Dourado sahiu-lhes ao encontro, e foi com elles.

Quando entraram, Joanna chorava lagrimas de sangue:

— Ai! minha rica senhora! minha mãesinha, ai! que já não tenho ninguem n'este mundo!

No quarto de D. Monica, ardiam em frente de um crucifixo duas velas de cera que o conego mandara buscar a casa.

Valia cada uma dezoito vintens.

Todos os circumstantes se revestiam da maior gravidade, fallando baixo, ceremoniosamente, e fazendo o menor ruido com os pés.

Commettendo-se-lhe o cargo de commandante (depois director) geral da arma de engenharia, por decreto de 5, ordem do exercito n.º 34 de 14 de setembro de 1866, tomou posse d'elle a 27 de outubro, exercendo esse cargo sem interrupção até 21 de agosto de 1880, em que pela ordem do exercito n.º 17 d'elle foi exonerado.

N'esse intervallo havia sido nomeado para diversas commissões taes como: por portaria de 9 de agosto de 1867, vogal da commissão encarregada de proceder á classificacão das fortificacões e mais propriedades pertencentes ao ministerio da guerra, que devem ser conservadas ou podem ser alienadas sem inconveniente para a defeza do paiz; em 10 de dezembro de 1867, para a classificacão das praças de 2.ª ordem; em 28 de julho de 1868, para a commissão encarregada de propor o plano de fortificacão para a defeza de Lisboa e seu porto; e quasi todos os annos presidente do jury de exames dos alumnos de engenharia na escola do exercito.

A 2 de setembro de 1874 foi promovido a general de divisão. Exonerado da direcção da arma em 1880, foi nomeado vogal do tribunal superior de guerra e marinha, e em seguida elevado ao pariato.

Pela ordem do exercito n.º 41 de 19 de novembro do anno passado, foi-lhe de novo entregue a direcção geral da arma de engenharia, cargo que exercia quando falleceu. Era grã-cruz das ordens de Aviz e de Isabel a Catholica.

Como se vê, a sua biographia não encerra factos brilhantes, esplendorosos, que deslumbram, mas mostra uma vida modesta e honrada, cheia de serviços incessantes e mais ou menos importantes, toda dedicada á patria e aos seus concidadãos, que devem á sua memoria consideracão e respeito.

J. B.

EXCERPTOS

DA

POESIA DO MYSTERIO

O MAL

Elle estava septado, ao fim do dia,
Sobre as ruinas de velhas tradições,
Soltando ao largo as trovas da Agonia,
Entre um côro de eternas maldições.

Tinha na face encarquilhada e fria
A esqualidez sinistra dos ladrões;
E na dextra uma taça onde bebia
O sangue das extinctas gerações.

Eu, ao vê-lo, bradei: Porque é que existes,
Tu, que geras o Horror, e a elle assistes
Tranquillo, como á queda de Salém?

A mulher do merceeiro mostrava-se apparatusamente, levando de quando em quando o lenço aos olhos, como se tivesse n'elles lagrimas para enchugar.

O marido chegou-se a ella e disse-lhe ao ouvido:

— Puzestes lá a coisa?

— Puz.

— E as chaves guardastel-as?

— Estão no meu bolso.

— Passa-as cá para a unha...

O conego mirava os de longe, e trocava signaes com a Joanna, que estava a um canto observando tudo, e desempenhando o seu papel de carpideira.

Quando lhe pareceu, que era chegado o momento de entrar em assumpto, disse dirigindo-se ao sr. regedor; que não era ali mais do que um amigo da casa, e portanto havendo fallecido sem herdeiros forçados aquella senhora, recorrera á auctoridade parochial afim de fazer cumprir as disposições legaes.

— Ha testamento? perguntou o regedor.

O velhaco do padre respondeu:

— Desejava a esse respeito que se consultasse o sr. Antonio Dourado.

— Eu sei lá d'isso! respondeu o merceeiro brutalmente. Essa agora não parece da sua cabeça, sr. conego Salgado.

— Está bem, acudiu o regedor, procurando harmonisar as cousas na sua qualidade de homem da ordem e da lei.

— Em primeiro lugar é preciso tratar do enterro.

N'isto relanceou os olhos pela casa para de momento avaliar os moveis e proseguiu:

— Pode-se-lhe fazer uma coisa decente...

O escrivão confirmou.

Elle accumulava com as suas funcções offi-

Porque, ó Mal? — E o Mal, sombrio e tórvo,
Fitou em mim o seu olhar de côrvo,
E respondeu-me: Porque existe o Bem.

O BEM

Causa e principio das ethereas cousas
Com que a alma dos bons se veste e ampara,
Mesmo áquelles que a Culpa condemnára
O osculo de paz nos labios pousas.

Mas tu, que soltas pelo campo as rosas,
E pelo azul do ceu a lua clara,
Tu, que as estrellas doiras e a seara,
Dás vida ao Mal e ás plantas venenosas!

Como sondar a tua dupla essencia,
Pois que apertas ao seio os maus e os tristes,
E és a pedra de toque da consciencia?

Visão sepulta em funerarios véos!
Quem teus passos conduz? Porque é que existes?
Mas tu respondes: Porque existe Deus!

DEUS

Sim! existes! e basta, para crê-lo,
Esta febre immortal, esta anciedade
Que as almas prende á eterna claridade
E a Idéa allia aos arraiaes do Bello.

Sim! tu és do Infortunio o vago anhelô,
Quinta-essencia do amor e da bondade,
Que vestiste de sóes a Immensidade
E de mil flôres os crystaes do gélo.

Ao teu influxo, paternal e justo,
Brotou a luz, brilhou a côr, floresce o arbusto,
E oscilla o imán procurando o Norte.

Temem-te os maus; os bons sabem amar-te;
E eu sei amar e crêr. Interrogar-te...
Eis o clarão que sobredoura a Morte.

DUVIDA

Croire, c'est très souvent douter.
VOLTAIRE.

Mas que espirito ha ahí tão sublimado
Que possa olhar toda esta profundeza,
Sem que o perturbe a gelida estreiteza
Do involucro onde jaz encarcerado?

Porque tanta afflicção, tanto cuidado,
Tanta crença sepulta na incerteza?
Soffrer — e achar por balsamo a tristeza!
Amar — e crêr no Amor por ter chorado!

Ó sublimes clarões! sonhos ethereos!
Archanjos do Senhor! visões ignotas!
Vinde, vinde, dulcissimos mysterios!

Não tem minh'alma da discordia as fezes.
O baixel aportou co'as velas rotas...
Mas é que o sol tambem se enubla ás vezes.

Narciso de Lacerda.

ciaes o modesto mister de cangalheiro. Cuidava a um tempo dos vivos e dos mortos com igual solicitude:

— Sim uma cousa decente, observou o conego: uma seje de corôa para o corpo, outra mais ordinaria para os padres...

O merceeiro que representava opposição a todo o transe, clamou:

— Ora essa! é melhor mandal-a na tumba dos gatos pingados.

— Estou vendo que a sua alma perdia alguma cousa com isso! Para que servem essas ostentações de coches e berlindas? Para augmentar a offerta ao parochio.

— O senhor nem para os collegas é bom observou-lhe o iendeiro.

A mulher tambem disse que aquillo era uma vergonha.

— Tem só de inscrições vinte contos! declarou o sr. Antonio Dourado ao regedor:

— Ah! n'esse caso deve-se fazer uma cousa bonita, respondeu elle consultando o escrivão que applaudia repetindo:

— De certo, de certo.

O conego estava pois em minoria.

A Joanna é que não punha para ali prégo nem estopa.

Chorava, e já não fazia pouco.

Era uma chiadeira de carro sem cêbo nos eixos, capaz de arripiar as carnes a um morto.

Ao principio ainda lhe diziam:

— Oh mulher! calle-se.

Como porém vissem que, a tal recommendação, ella respondesse sempre berrando ainda mais, ninguem já lhe dizia nada, attribuindo todos o choro da creada a impertinencias de nervoso.

(Continúa.)

LEITE BASTOS.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

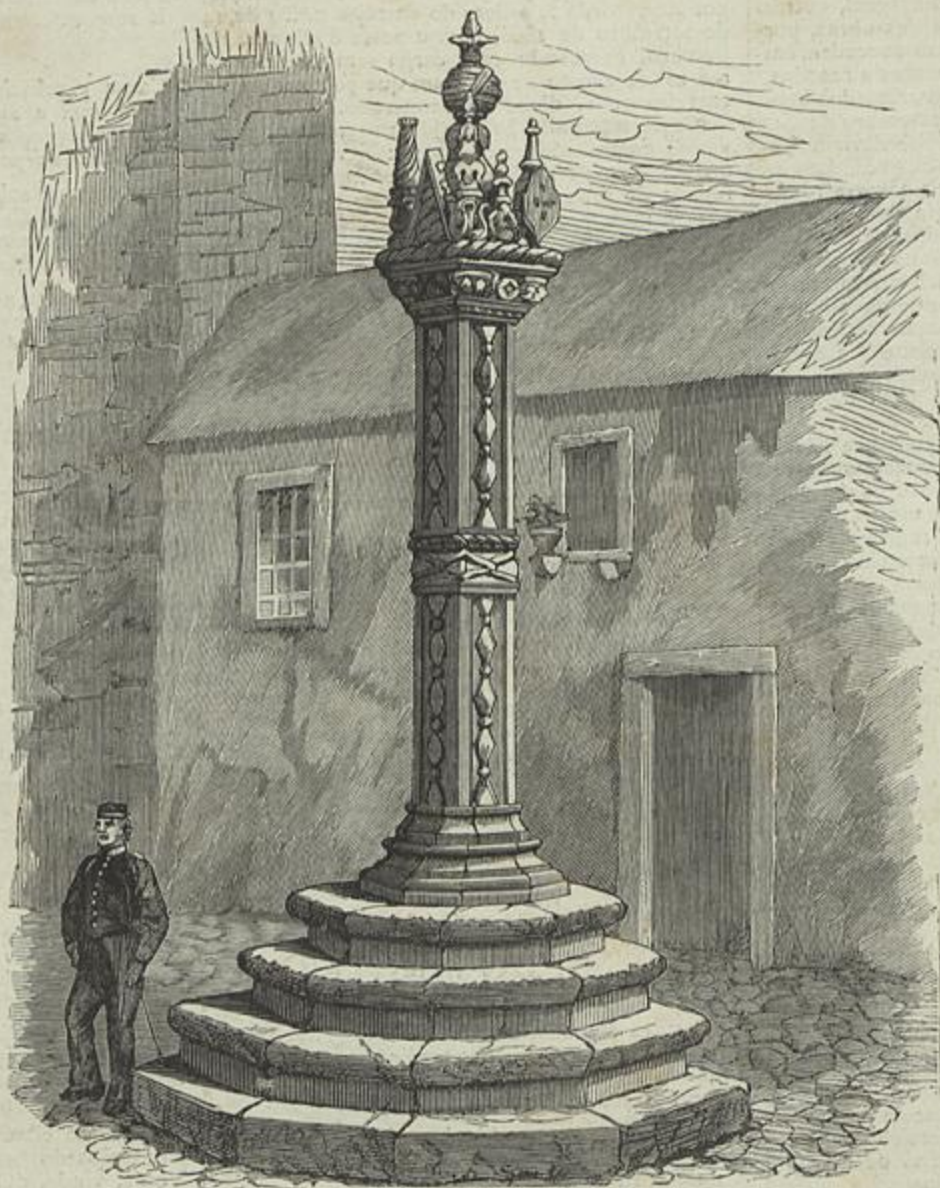
LA REVOLUCION PENINSULAR (1...!) *Zis-zas—Premisas. ¡ Sesenta años de vejámenes! — 1.º de diciembre — confederacion — por Frutos Martínez Lumbreras. — Madrid. Tipografía Gutenberg Calle de Villalar, num. 5—1881. Com 118 pag. e uma de indice. N'este opusculo, dedicado a seu pae D. Benigno Joaquim Martinez, o amigo dos portuguezes, pretende o auctor, ao que nos parece, fazer um pouco de propaganda a favor da idéa de confederação ibérica ou peninsular, guardando cada nação o seu glorioso estandarte, como symbolo immorredouro de nossa mutua e altiva autonomia. Temos a maior consideração pelos nossos visinhos, sympathia até por alguns dos seus homens de letras, mas é notavel que sendo nós a nação mais pequena, mais exposta aos azares da politica e ambições externas, seja exactamente entre nós que menos vozes se levantem a favor d'aquella idéa; e quando algum é suspeito de a ter corre logo a desfazer essa suspeita. Os nossos visinhos tem mostrado, ha um certo tempo para cá, um desvello, um cuidado por nós e pelo nosso bem estar que deveras nos commove; mas é necessario dizel-o muito claro, não ha em Portugal duas duzias de homens que pensam como elles, e no geral do publico são sempre tidas como pouco sinceras as suas palavras. Sem partilharmos de modo algum as idéas do auctor, respeitamos a sua opinião, acreditando as suas boas intenções e aspirações, e estimaremos que se não repitam as imprudencias de alguns periodistas da nação vizinha, que de quando em quando, e como ainda ha pouco, veem alimentar aquelle conceito que o geral dos portuguezes faz dos escriptos hespanhóes a seu respeito.*

REVISTA DA SOCIEDADE ACADEMICA, DEOS, CHRISTO E CARIDADE—N.ºs 9 e 10 de setembro e outubro de 1881. Rio de Janeiro.

A ARTE PORTUGUEZA—*Revista mensal de bellas artes, publicada pelo Centro Artístico do Porto.*—O n.º 2 que temos presente, revela um notavel melhoramento sobre o n.º 1, muito especialmente nas illustrações. O desenvolvimento d'esta publicação será uma prova de progresso para o nosso paiz.

HISTORIA DE PORTUGAL ILLUSTRADA.—Edição da Empresa Litteraria de Lisboa, fasciculo 40 do 3.º vol. com uma gravura representando: *O embarque da primeira expedição á India.*

SCIENCIA PARA TODOS.—Estão publicados os n.ºs 3, 4, 5 e 6, pelo que se vê que a publicação



PELOURINHO DE VILLA NOVA DE FOSCÔA (Segundo um desenho por Abel Acaelo)

tem sido regular. O interesse que este periodico deve despertar aos estudiosos e a todos que desejem illustrar-se, é a maior garantia da sua vitalidade.

INTERESSES DA COLONIA PORTUGUEZA NA PROVINCIA DE S. PAULO (Brazil)—*Artigos publicados no jornal a 'Provincia de São Paulo, por Abilio A. S. Marques, S. Paulo 1881. Folheto de viii—96 paginas, com tres mappas geographicos e estatisticos e uma carta corographica da provincia.*—Este opusculo, onde o auctor reuniu e comprou com mappas os artigos que havia publicado no periodico referido, tem, como o seu titulo indica, por fim advogar os interesses da colonia portugueza em S. Paulo, e nenhuma coisa pode merecer mais a nossa sympathia do que todas aquellas vozes que se levantam a favor de nossos irmãos que o destino, ou a escasez dos recursos na mãe patria levam a procurar fortuna em terra estranha, por mais nossa familia que ella seja, como o Brazil. N'elle se consigna o facto importante que as estatisticas demonstram de metade da população estrangeira do Brazil ser portugueza, facto que se repete com uma regularidade espantosa n'aquella provincia, onde entre 16:567 estrangeiros, 8:621 são

portuguezes. Isto demonstra a necessidade de um consulado, o que além d'isso é reclamado pelo estado florescente da provincia, cujo clima, muito semelhante ao de Portugal, convida os nossos patricios a procuraremno, bem como ao Rio Grande do Sul, de preferencia a outros. Estimamos que seja lido, e meditado este pequeno opusculo, e que sejam satisfeitas as aspirações dos que tão longe reclamam a attenção e protecção da mãe patria.

EURICO, *boletim da sociedade litteraria Alexandre Herculano, publicação mensal, n.º 1 janeiro de 1882.* Preço de cada numero para os socios 40 réis, avulso 60 réis—formato grande com oito paginas. Este primeiro traz o conhecido retrato de Alexandre Herculano, gravura do sr. Pedroso, com um artigo commemorativo do grande historiador pelo sr. Rozendo Carvalheira, e outras produções em prosa e verso assignadas por diversos, e o começo de um conto—*Um drama na provincia*—firmado com o pseudonimo de *Fra-Diavolo*. Bem vindo seja o nosso collega e que a sua marcha seja sempre por um caminho de flores.

PERO GALLEGO—*Folha litteraria, scientifica, etc.*—N.ºs 1, 2, 3 e 4 de 8 pag. in-folio.—E' o titulo de um novo semanario que nos chega de Vianna do Castello, o que é muito para notar, porque revela o progresso que pouco a pouco se vae fazendo em as nossas terras da provincia. Os quatro numeros publicados do *Pero Gallego* inserem alguns artigos litterarios de

merecimento e grande copia de poesias, que é, quasi sempre, o lado fraco d'estas publicações.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Onde a galinha tem os ovos tem os olhos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

VIAGEM Á RODA
DA
PARVONIA
PELO COMMEDADOR
GIL VAZ

Anotado pelos principaes escriptores.
Illustrações de Manuel da Macedo
A obra de mais fina critica dos tempos modernos.

À VENDA

NA
EMPRESA DO OCCIDENTE
PREÇO 500 RÉIS

Envia-se para as provincias franco de porte.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPRESA DO OCCIDENTE

Illustrado com mais de 50 gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia
É o almanach mais elegante que se tem publicado em Portugal, e é uma completa novidade.

PREÇO EM LISBOA, 240 RÉIS

Á venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empresa.

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á **Empresa do Occidente**, rua do Loreto, 43—Lisboa.

CAPAS CARTONADAS
PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empresa do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.